

INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O CONCEITO E SUA APLICAÇÃO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS¹

Nicoli Cavriani Doganelli ²

RESUMO

A internacionalização do ensino superior não é um assunto novo; sua ocorrência remete à origem das primeiras universidades que se têm registros. Fatores como a globalização, a comercialização do ensino superior e os investimentos realizados pelos países desenvolvidos nas áreas de pesquisa e formação acadêmica tornaram esse tema mais frequente no século XXI. Sabendo-se disso, por meio de uma revisão bibliográfica o presente trabalho tem como objetivo abordar o conceito de internacionalização do ensino superior, seu desenvolvimento ao longo dos últimos cinquenta anos, as quatro missões da universidade e o posicionamento das universidades brasileiras nesse contexto. O estudo também cita alguns programas realizados pelo governo brasileiro para promover a mobilidade acadêmica e verifica o desempenho do país com base nos dados estatísticos da Unesco sobre fluxos globais de alunos de nível superior (2018-2019), onde é possível avaliar se a internacionalização do ensino superior no Brasil ocorre de forma ativa ou passiva.

Palavras-chave: Educação; Ensino Superior; Internacionalização; Universidade; Mobilidade Acadêmica.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho está inserido no projeto de pesquisa A Abordagem da Diversidade Regional nos Cursos à Distância da Área de Negócios nas Instituições de Ensino Superior Privadas Brasileiras desenvolvido no Centro Universitário Senac e tem como foco analisar o processo de internacionalização do ensino superior no Brasil através de revisão bibliográfica sobre o conceito de internacionalização universitária.

Fatores como a globalização, a massificação do acesso ao ensino superior e os incentivos educacionais realizados na Europa e nos Estados Unidos fazem com que esse tema seja abordado com frequência no ambiente acadêmico, visto que influenciam os sistemas de ensino e gestão em universidades do mundo todo. Nesse contexto, a

¹ Esse artigo foi desenvolvido durante o Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário SENAC - SP.

² Graduanda do Curso de Bacharelado em Administração de Empresas do Centro Universitário SENAC - SP, nicolidoganelli@yahoo.com.br.

importância da pesquisa se dá pelo fato de que, apesar de a literatura internacional sobre esse assunto não ser modesta, ele “(...) ainda suscita pouco interesse entre os acadêmicos brasileiros” (LIMA; MARANHÃO, 2009, p. 3).

Dessa forma, será apresentado o conceito de internacionalização do ensino superior e a sua evolução ao longo dos últimos cinquenta anos; as quatro missões da universidade, com destaque para a quarta missão; o processo de internacionalização das universidades brasileiras e os dados estatísticos da Unesco sobre fluxos globais de alunos de nível superior. Na sequência, serão avaliados os resultados obtidos por meio da revisão bibliográfica e as considerações finais retomam os aspectos mencionados, destacando as expectativas iniciais do trabalho e os planos para dar continuidade na pesquisa.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesta pesquisa é do tipo qualitativa bibliográfica, pois foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema internacionalização universitária por meio de livros, revistas acadêmicas e artigos científicos disponíveis nas plataformas digitais do Google Acadêmico e do Scielo.

De acordo com Gil (2002, p.44), “(...) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado (...)”, e nesse contexto, Marconi e Lakatos (2003, p.183) complementam que esse tipo de trabalho tem como finalidade “(...) colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (...).”

Dessa forma, as pesquisas feitas nas plataformas digitais tiveram como base o uso de palavras-chave e as informações obtidas nos artigos selecionados foram reunidas em um caderno de fichamentos. Nesse processo também se utilizou a técnica dos mapas mentais para organizar os estudos devido à complexidade e abrangência dos temas relacionados à internacionalização do ensino superior.

Por fim, como afirmam Marconi e Lakatos (2003, p.183), é importante destacar que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.”

REFERENCIAL TEÓRICO

O Conceito

O processo de internacionalização do ensino superior não é algo novo, mas tem recebido maior destaque devido a globalização, a massificação do acesso ao ensino superior e aos incentivos de integração do ensino europeu (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 21).

Essa prática é realizada desde o surgimento das universidades, uma vez que o convívio entre estudantes e mestres de nacionalidades diferentes era algo comum nas primeiras instituições de ensino que se tem registros, como a Academia de Atenas fundada por Platão em 487 a.C., a Escola de Nalanda, na Índia, no ano 427 e as universidades europeias do início do século XIII, como Bolonha, Paris e Oxford (CHARLE; VERGER, 1996, p. 13).

Em um contexto contemporâneo, Knight e Wit (2018, p. 20) indicam que o conceito de internacionalização do ensino superior obteve grande evolução nos últimos cinquenta anos. De acordo com os autores, na década de 1970 o tema estava inserido em ações de desenvolvimento cooperativo internacional, educação internacional, ensino por correspondência e o estudo de idiomas.

Já na década de 1980 alguns termos como educação multicultural, intercultural e global passaram a ser utilizados no meio acadêmico, como consequência de parcerias estabelecidas entre universidades internacionais. A partir da década de 1990, com todos os impactos da globalização, é discutida a educação transnacional, o ensino à distância, a internacionalização “em casa”, as universidades corporativas e virtuais e a internacionalização de currículos (KNIGHT; WIT, 2018, p. 20).

Com base nesses aspectos, nos anos 2000 a internacionalização do ensino também passou a envolver programas de mobilidade acadêmica para o desenvolvimento de competências globais, intercâmbios estudantis, rankings universitários internacionais, entre outros aspectos (KNIGHT; WIT, 2018, p. 20).

Diante desse cenário, Knight (2004, p. 11) afirma que a internacionalização universitária pode ser definida como “o processo que integra uma dimensão internacional, intercultural e global nos propósitos, funções e ofertas da educação superior” e, para complementar, Wit et al. (2015, apud MAUÉS; DOS SANTOS BASTOS, 2017, p. 335) destaca que essas ações visam “a melhoria da qualidade do

ensino e também da pesquisa, para todos os estudantes e professores, trazendo uma contribuição significativa à sociedade.”

Por outro lado, Altbach (2001) aponta as questões econômicas que envolvem o processo de internacionalização universitária, uma vez que as novas relações comerciais estabelecidas a partir da globalização enxergam o ensino como um produto, desconsiderando padrões de qualidade e controle. Como consequência desse processo, Castro e Cabral Neto (2012, p. 7) alertam que a mercantilização do ensino faz com que a educação perca “(...) sua dimensão de direito humano, portanto, universal e de responsabilidade do Estado. ”

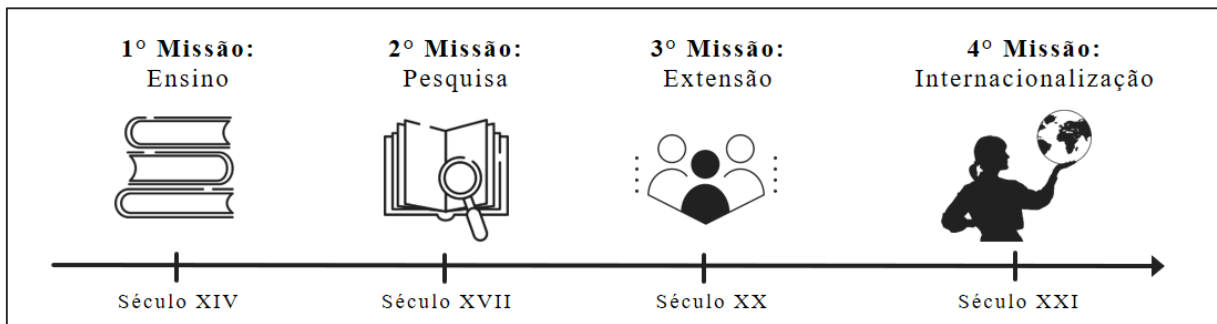
Nesse contexto, Lima e Contel (2011, p. 153) ressaltam que o conceito de internacionalização da educação superior varia de acordo com o objetivo de seus autores, pois “(...) enquanto algumas definições privilegiam aspectos internos às instituições de educação superior, outras priorizam o ambiente e a influência que é capaz de exercer sobre a organização das atividades acadêmicas. ”

A Quarta Missão da Universidade

Ao longo da História, diversos eventos políticos, sociais, religiosos, econômicos e culturais impactaram as universidades e o seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Santos e Almeida Filho (2012, p.27) explicam que, desde a sua fundação até a atualidade, essas instituições adquiriram quatro missões: ensino, pesquisa, extensão e internacionalização.

Como mostra a figura a seguir, esses quatro objetivos foram incorporados às universidades como resultado do seu momento histórico, sendo a internacionalização uma consequência da globalização e dos programas de incentivos à formação acadêmica realizados pelos Estados Unidos e países europeus no início do século XXI (MAUÉS; DOS SANTOS BASTOS, 2017, p. 334).

Figura 01: As Quatro Missões da Universidade



Fonte: Santos e Almeida Filho (2012). Elaborado pela autora.

Na prática, de acordo com Bartell (2003, apud MOROSINI, 2005, p. 115), a internacionalização universitária ocorre com a presença de alunos estrangeiros no campus, estabelecimento de parcerias para pesquisas internacionais e cooperativas, consultorias entre universidades e imersão internacional dos currículos. Complementando essa lista de possibilidades, Santos e Almeida Filho (2012, p. 144) indicam a elaboração de trabalhos em rede, propostas para formação com dupla titulação, diplomas conjuntos e diplomação plena no estrangeiro, mobilidade estudantil, formação sanduiche, entre outras alternativas.

Sendo uma missão universitária, a internacionalização possui alguns princípios apresentados pela Associação Internacional das Universidades (AIU) (2012, apud MAUÉS; DOS SANTOS BASTOS, 2017, p. 334) que defendem

o engajamento na promoção da liberdade acadêmica, da autonomia institucional e da responsabilidade social; (...) o respeito às normas referentes à integridade científica e ética da pesquisa; o respeito aos objetivos acadêmicos (...); a resolução de problemas mundiais urgentes; o tratamento ético e respeitoso dos estudantes; a preservação e a promoção da diversidade cultural e linguística, assim como o respeito às práticas locais.

Com base nesses valores, pode-se afirmar que a internacionalização atua como um complemento para a formação técnica, linguística, cultural e cívica dos estudantes, além de ampliar competências individuais e coletivas por meio de trocas de experiências, métodos de pesquisas, avaliações de resultados, entre outras atividades do meio acadêmico (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 57).

Internacionalização do Ensino Superior no Brasil

Os primeiros projetos universitários foram implementados no Brasil a partir da década de 1930, dando origem a Universidade de São Paulo (1934) e a Universidade do

Distrito Federal (1935) no Rio de Janeiro. Com o fim da ditadura Vargas em 1946, começaram a ser inauguradas universidades em todo o país, como a Universidade de Minas Gerais, a Universidade da Bahia e a Universidade de Recife (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 116).

Os métodos de ensino dessas primeiras instituições receberam grandes influências internacionais, como o programa de cooperação entre a comunidade acadêmica francesa e brasileira na década de 1930, o sistema de ensino superior norte-americano que resultou na Reforma Universitária de 1968, e as metodologias de ensino e gestão aplicadas na Universidade de Coimbra, em Portugal (LIMA; CONTEL, 2011, p. 161).

Entre as décadas de 1980 e 1990 o Governo Federal realizou investimentos na área de pesquisa das universidades públicas que promoveram programas de cooperação acadêmica com universidades internacionais, tendo como principal objetivo fortalecer o desenvolvimento nacional (LIMA; CONTEL, 2011, p. 171).

A partir desse período, as principais agências de suporte a políticas públicas voltadas a educação, ciência e tecnologia iniciaram suas participações no processo de internacionalização universitária. Como exemplo, pode-se mencionar a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que está subordinada ao Ministério da Educação (MEC) e é fundamental para a expansão dos programas de pós-graduação em todo o país e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com foco na área de produção e capacitação para pesquisas (LIMA; CONTEL, 2011, p. 171).

Entre as ações do Governo Federal relacionadas à internacionalização do ensino superior, destacam-se o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) de 2008 a 2012 que tinha a ampliação da mobilidade estudantil como uma de suas principais diretrizes (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 129) e o Programa Ciência sem Fronteiras de 2011 a 2017, cujo objetivo era promover a mobilidade internacional de estudantes de graduação e pós-graduação brasileiros e também atrair jovens talentos e pesquisadores internacionais com elevada qualificação (AVEIRO, 2014, p. 2).

Além disso, algumas universidades possuem seus próprios projetos de internacionalização, como a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, na Foz do Iguaçu, que promove a multiculturalidade, o bilinguismo e a

interdisciplinaridade na Região Trinacional (Brasil, Argentina e Paraguai); a Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no Ceará, que visa integrar alunos e professores brasileiros e de outros países lusófonos; e a Universidade da Integração da Amazônia, no Pará, que tem como perspectiva a união entre a comunidade acadêmica dos países que compartilham a bacia amazônica (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012, p. 142).

Nesse contexto e com base nos dados do Instituto de Estatísticas da Unesco sobre fluxos globais de alunos de nível superior, verifica-se que entre 2018 e 2019 o Brasil recebeu 21.181 alunos estrangeiros e enviou 67.183 estudantes para o exterior.

Como mostra a tabela a seguir, em um comparativo com outros países da América Latina, nesse período o país obteve o maior número de alunos estudando no exterior, seguido por Colômbia, México, Peru e Venezuela. Por outro lado, a Argentina se destaca como o principal destino de alunos estrangeiros, seguida pelo Brasil, República Dominicana, México e Equador.

Tabela 01: Internacionalização Universitária na América Latina

Quantidade de alunos no exterior			Quantidade de alunos estrangeiros	
1º	Brasil	67.183	Argentina	109.226
2º	Colômbia	46.631	Brasil	21.181
3º	México	34.196	República Dominicana	9.607
4º	Peru	33.701	México	7.223
5º	Venezuela	23.866	Equador	6.302

Fonte: Global Flow of Tertiary-Level Students (2018-2019). Elaborado pela autora.

Em um contexto global, como indica a tabela a seguir, é possível verificar que países como Índia, Alemanha, Coreia do Sul, África do Sul e Estados Unidos possuem grande quantidade de alunos estudando no exterior, em comparação com a América Latina. Essa distância é ainda maior quando se observa a quantidade de alunos estrangeiros nos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Alemanha e Rússia.

Tabela 02: Internacionalização Universitária Global

Quantidade de alunos no exterior		Quantidade de alunos estrangeiros	
Índia	375.055	Estados Unidos	987.314
Alemanha	122.538	Reino Unido	452.079
Coreia do Sul	101.774	Austrália	444.514
África do Sul	91.130	Alemanha	311.738
Estados Unidos	84.349	Rússia	262.416

Fonte: Global Flow of Tertiary-Level Students (2018-2019). Elaborado pela autora.

Ao comparar os números da internacionalização universitária em diferentes países, de acordo com Lima e Maranhão (2009, p. 584) essas diferenças nas quantidades de alunos recebidos e enviados para estudar no exterior revelam que esse processo pode ocorrer de forma ativa ou passiva com base na geopolítica do conhecimento.

Para as autoras, a internacionalização ativa ocorre em países desenvolvidos que possuem um ensino estruturado e hegemônico que acaba por influenciar os sistemas de educação superior em todo o mundo; por outro lado a internacionalização passiva é identificada em grande parte dos países semiperiféricos e periféricos da economia-mundo e suas ações têm maiores interesses comerciais do que culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da pesquisa bibliográfica constatou-se que a internacionalização do ensino superior ocorre desde o surgimento das primeiras universidades estrangeiras. Esse mesmo processo também aconteceu no Brasil, visto que as primeiras instituições de ensino superior nacionais foram influenciadas pelos modelos pedagógicos portugueses, franceses e americanos.

Além disso, observou-se que esse conceito obteve grande evolução ao longo dos últimos cinquenta anos e atualmente envolve fatores sociais, culturais, políticos e econômicos que tornaram a sua abordagem mais complexa.

Verificou-se também que as universidades brasileiras dependem de incentivos realizados pelo Governo Federal para desenvolverem ações voltadas a mobilidade acadêmica, como os programas REUNI e Ciência sem Fronteira já encerrados. Ademais, foram encontrados poucos exemplos de instituições com projetos próprios de internacionalização do ensino.

Como consequência, os dados obtidos através do Instituto de Estatísticas da Unesco indicam que a mobilidade acadêmica nos países centrais resulta dos investimentos em programas de internacionalização universitária, o que caracteriza o seu posicionamento ativo nesse processo. Por outro lado, países em desenvolvimento como os latino-americanos atuam de forma passiva, pois não há projetos de educação superior internacional consolidados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos aspectos mencionados, pode-se afirmar que no início da pesquisa havia uma expectativa de que as informações sobre o tema internacionalização do ensino superior estariam relacionadas principalmente aos aspectos culturais desse processo, mas ao longo do trabalho observou-se que esse assunto é mais complexo e envolve uma série de fatores políticos, sociais, culturais, econômicos e pedagógicos.

Além disso, observou-se que não há uma grande quantidade de produção acadêmica nessa área no Brasil, conforme apontam os teóricos no início do trabalho. Dessa forma, para dar continuidade a revisão bibliográfica, foram feitas consultas diretamente nas obras dos autores mais citados nos artigos científicos disponíveis.

A partir dos conhecimentos adquiridos, pretende-se dar continuidade a pesquisa para verificar de que forma as universidades brasileiras podem elaborar projetos independentes voltados à internacionalização do ensino superior e que não dependam em sua totalidade dos investimentos governamentais.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, P. G. Why higher education is not a global commodity. **The Chronicle of Higher Education**. USA, v. 47, may 2001. Disponível em: <https://www.chronicle.com/article/why-higher-education-is-not-a-global-commodity/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

AVEIRO, Thais Mere Marques. O programa Ciência sem Fronteiras como ferramenta de acesso à mobilidade internacional. # Tear: **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1867>. Acesso em: 07 set. 2021.

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **História das Universidades**. São Paulo:

Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível

em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 21 fev. 2021.

JUNQUEIRA, Cairo Gabriel Borges; DE MORAES BALDRIGHI, Rafael. A internacionalização do ensino superior no Brasil. **Carta Internacional**, v. 15, n. 3, 2020. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1064>. Acesso em: 12 mai. 2021.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004. Disponível em: <http://www.theglobalclass.org/uploads/2/1/5/0/21504478/rationale.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

KNIGHT, Jane; DE WIT, Hans. Prefácio. In: PROCTOR, Douglas; RUMBLEY, Laura E. (Ed.). **The future agenda for internationalization in higher education: Next generation insights into research, policy, and practice**. Routledge, 2018. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9781315266909/future-agenda-internationalization-higher-education-douglas-proctor-laura-rumbley>. Acesso em: 03 abr. 2021.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fabio Betioli. **Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. Alameda, 2011.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. **O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva**. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 14, n. 3, p. 583-610, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772009000300004&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 03 mar. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em: 28 fev. 2021.

MAUÉS, Olgaíses Cabral; DOS SANTOS BASTOS, Robson. Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro. **Educação**, v. 40, n. 3, p. 333-342, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/28999/16527>. Acesso em: 14 fev. 2021.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar em revista**, p. 107-124, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/k4qqgRK75hvVtq4Kn6QLSJy/?lang=pt&format=pdf>.



Acesso em: 28 ago. 2021.

SANTOS, Fernando Seabra; DE ALMEIDA FILHO, Naomar. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento.** Brasília: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

Unesco [Internet]. 2019. **Unesco Institute For Statistics.** Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/uis-student-flow>. Acesso em: 20 jul. 2021.